

## A UNILATERALIDADE DA RAZÃO NA CONTEMPORANEIDADE: UMA PERSPECTIVA JUNGUIANA<sup>1</sup>

Maria Junqueira Ribeiro<sup>2</sup>

Paulo Ferreira Bonfatti<sup>3</sup>

### RESUMO:

O presente artigo tem como finalidade questionar uma possível unilaterização contemporânea, mas que tem suas raízes na Grécia Clássica. Trata-se de um racionalismo unilateral, que foi desenvolvido do século XVIII, no Iluminismo. Partindo desse ponto de vista, somente aquilo que pode ser explicado pela lógica é considerado verdade. Entretanto, dentro de uma perspectiva da teoria de Carl Gustav Jung, de uma unilateralidade pode surgir uma função compensadora que levará o indivíduo de uma atitude ao seu oposto, em um movimento chamado enantiodromia. Isso ocorre graças a tendência autorreguladora da psique, que tenta integrar conteúdos conscientes com os do inconsciente. Porém, para que essa união não ocorra de forma invasiva e que realmente se atinja uma integração, é possível simbolizar esse conflito de opostos. O processo de simbolização, que ocorre na função transcendente, é capaz de trazer equilíbrio entre as ideias contraditórias e harmonizar conflitos psíquicos através da criação de um terceiro elemento unificador. Considerando que essa perspectiva de simbolização ocorra individualmente, entende-se que o mesmo possa ocorrer coletivamente. Assim, se mostraria como um caminho viável para seguir diferente de um espírito da época racionalista.

Palavras-chave: Unilateralidade. Função Compensatória. Psicologia Analítica. Função Transcendente. Razão.

## THE ONESIDEDNESS OF REASON IN CONTEMPORARY: A JUNGIAN PERSPECTIVE

### ABSTRACT:

The purpose of this article is to question a possible contemporary one-sidedness, but which has its roots in Classical Greece. It is a unilateral rationalism, which was developed in the 18th century, in the Enlightenment. From this point of view, only what can be explained by logic is considered true. However, within a perspective of Carl Gustav Jung's theory, from unilaterality a compensating function can arise that will lead the individual from one attitude to its opposite, in a movement called enantiodromia.

---

<sup>1</sup> Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de Pesquisa História da Psicologia e seus aspectos filosóficos. Recebido em 27/05/23 e aprovado, após reformulações, em 27/06/23.

<sup>2</sup> Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: maria-junq23@hotmail.com

<sup>3</sup> Doutor em Psicologia clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e docente do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: paulobonfatti@hotmail.com.

This occurs thanks to the self-regulating tendency of the psyche, which tries to integrate conscious contents with those of the unconscious. However, so that this union does not occur in an invasive way and that integration is actually achieved, it is possible to symbolize this conflict of opposites. The symbolization process, which occurs in the transcendent function, is capable of bringing balance between contradictory ideas and harmonizing psychic conflicts through the creation of a third unifying element. Considering that this perspective of symbolization occurs individually, it is understood that the same can occur collectively. Thus, it would prove to be a viable path to follow, different from a rationalist spirit of the age.

Keywords: Onesidedness. Compensatory function. Analytical Psychology. Transcendent Function. Reason.

## 1 INTRODUÇÃO

Segundo Nise da Silveira (1981), Carl Gustav Jung (1875-1961) foi um psiquiatra suíço, filho de um pastor protestante. Era muito interessado na arqueologia e nas ciências naturais, mas resolveu fazer medicina. Escolheu pela psiquiatria, pois assim poderia englobar seus outros interesses. No final de 1900 foi para Zurique, onde teve a oportunidade de trabalhar em um hospital com o psiquiatra Eugen Bleuler. Lá conseguiu desenvolver diversas pesquisas e pode explorar o inconsciente.

Jung também teve contato com Freud, neurologista e criador da psicanálise. Chegaram a trabalhar juntos de 1907 até 1912. Entretanto, com a publicação do livro de Jung “Metamorfoses e Símbolos da Libido”, houve uma divergência que levou a separação. Mas não se pode negar a colaboração mútua entre as duas personalidades (SILVEIRA, 1981).

De acordo com Ramos (2002), foi em 1913 que o termo Psicologia Analítica foi usado pela primeira vez. Ao longo de toda sua história, Jung reconheceu a importância de uma harmonia entre seu mundo interno com seu mundo externo. Assim, observou-se que a perspectiva junguiana seria de grande colaboração com a temática da unilateralidade da razão, proposta nesse artigo.

Segundo Jung (2014b), a razão seria uma função psíquica da personalidade e não somente um processo autônomo. Assim, Pieri (2002. p.420) a considera como “A guia autônoma da condutahumana no mundo e o procedimento específico do conhecimento dos fatos ou da avaliação das situações”. Do mesmo modo, afirma ser a razão a possibilitadora de “[...] julgamentos ‘adequados’ e ‘justos’ [...]”.

Sendo a razão uma guia da conduta humana, ela estaria presente em todos os indivíduos. E é dessa forma que o tema da unilateralidade da razão aqui apresentado ainda pode ser visto como uma questão atual. A visão de mundo exacerbadamente e unilateralmente racional, proposta a partir do século XVIII com o Iluminismo, se manifesta como uma questão social e coletiva. A ideia era dominar e sucumbir a natureza aos pressupostos racionalistas, passando uma imagem de controle e progresso.

Se a fidelidade do homem for somente com a razão, haverá um afastamento de sua integridade. Isso provoca uma unilateralidade de pensamento, ou seja, o homem passa a enxergar apenas uma possibilidade, tornando-se uma visão monodirecional. Segundo Jung, isso seria desvantajoso ao indivíduo, sendo necessário repensar o modo de compreender a realidade (JUNG, 2013a).

Assim, frente a toda importância que o pensamento racional tem para a evolução do homem e para a Psicologia Analítica, bem como a possibilidade de complementar essa perspectiva, foi estabelecida uma necessidade de aprofundamento sobre o tema. Por meio de uma pesquisa bibliográfica, o presente estudo busca discutir a problemática de uma possível unilateralidade da razão no pensamento contemporâneo.

## **2 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA RAZÃO AO LONGO DA HISTÓRIA**

O tema desse artigo tem raízes profundas na história da humanidade, principalmente na cultura ocidental. É o que vai dizer François Châtelet (1994) quando afirma que a razão ganha verdadeira forma na Grécia Clássica, juntamente com o surgimento da filosofia. Os sofistas, tinham o privilégio de saber usar bem as palavras, entretanto não possuíam comprometimento com a veridicidade dos fatos. Nessa mesma época, Sócrates (470 a.C. a 399 a.C.), filósofo grego, surge como uma figura importante e alega que o ser humano nada sabe. Sua célebre frase “só sei que nada sei e o fato de saber isso, me coloca em vantagem sobre aqueles que acham que sabem alguma coisa”, abre as portas para um diálogo racional, questionador. Já Platão, filósofo e matemático grego, segundo Capra (1982), vai falar sobre as emoções superiores e as paixões do corpo, iniciando a idealização de uma separação

entre mente e corpo.

A filosofia clássica é até hoje lembrada por seu valor, mas acabou sofrendo modificações no período do Império Romano, pois esse foi um momento de transições, principalmente entre o paganismo e o cristianismo. No entanto, após, aproximadamente 500 anos, Roma começava a ruir e ser invadida por bárbaros, dando início a chamada Idade Média. Nesse período a razão se entrelaçou na fé cristã e a Igreja passou a ser influenciadora de toda sociedade. Um exemplo dessa união foi Santo Agostinho, teólogo e filósofo, que entende a fé como o que provoca o homem na busca de conhecimento, e a razão sendo o que possibilita o indivíduo a conhecer (MATTOS, 2018). Já São Tomás de Aquino, padre católico e estudioso da filosofia, assumiu a relevância da razão, porém a subordinava à fé cristã (GOMES, 2005).

Mas, apesar das grandes modificações dentro desse tempo, Sócrates, assim com Platão e Aristóteles, marcaram a filosofia clássica e foram, mais de uma vez, lembrados na história por outros grandes pensadores. Um deles foi Descartes, estudioso da matemática, física e filosofia, ficou conhecido pela sentença “penso, logo sou”, fazendo com que o sujeito agora seja entendido como um ser absolutamente pensante (CHÂTELET, 1994).

Descartes é quem abre as portas do pensamento moderno e junto a isso a razão vai ganhando seu espaço e independência. Ele retoma a ideia do dualismo platônico entre a corpo e mente. O primeiro seria material e subordinado às leis da física, e o segundo seria a alma, a razão humana (CAPRA, 1982). Concomitante à construção dessa teoria, a Terra deixa de ser vista como o centro do universo; o homem deixa de ser controlado por vontades divinas e passa a ser criador de inúmeras possibilidades. A ciência moderna se estabeleceu e o Século das Luzes, como ficou conhecido o século XVIII, estabelece uma filosofia que afirma: “[...]a razão é o instrumento natural do homem na descoberta da verdade”. (NASCIMENTO; NASCIMENTO; TEIXEIRA, 2008, p. 22). Tudo que foge a essa perspectiva passa a ser considerado dispensável, sem valor, heresia e nesse curso, Santos (2013, p. 207) afirma que, “[...] questionar, enfim, a modernidade como critério de civilização é correr o risco de tornar-se ‘bárbaro’”, ou seja, a racionalidade instalada pelo Iluminismo é um critério para ser considerado superior aos povos chamados bárbaros.

Já no século XIX, o materialismo vai se estabelecendo e se opõe a esse

pensamento idealista. Nessa nova cultura, a matéria recebia lugar privilegiado (LARA, 2001). Os materialistas defendem que tudo é matéria e, atualmente, através do desenvolvimento da neurociência, esse pensamento ganha força, fundamentando que até a mente humana pode ser explicada por essa linha de estudo (ARAUJO, 2013).

A corrente filosófica do materialismo surgiu com Demócrito e Leucipo, considerados filósofos pré-socráticos do século V a.C. e fundadores da teoria atomista. Eles consideravam que o mundo é formado por átomos, ou seja, partículas indivisíveis e tão pequenas que não poderiam ser vistas a olho nu. Assim, tudo era constituído por matéria e por isso são considerados os primeiros materialistas (GAMBLE, 2021). Nessa mesma perspectiva, o pré-socrático Empédocles (492 a.C. a 430 a.C.) afirmava que os processos mentais eram alterações do corpo humano, sendo fatores somente materiais. Isso mostra que a ideia do materialismo existe há muito tempo e abrange muitos assuntos (CAPRA, 1982).

Mas é na segunda metade do século XIX que ocorre uma mudança na forma de se buscar conhecimento. Se antes julgavam existir um conhecimento metafísico, agora o mundo só poderia ser explicado através da perspectiva materialista. Consoante ao pensamento histórico e filosófico, o espírito da época também vai influenciar a psicologia. O materialismo afirma que a psicologia deveria ser uma ciência natural e não metafísica, deixando de lado a ideia de uma “alma” do sujeito e declarando uma compreensão biológica do ser (NASSER, 2015).

Ainda contrário ao idealismo cartesiano, La Mettrie (1709-1751), considerado um dos pioneiros do materialismo, concebe o sujeito a partir de uma visão mecanicista. Nessa visão, o homem seria entendido como uma máquina e, inclusive, sua alma faria parte desse mecanismo (FERNANDES, 2014). Essa forma de entendimento está diretamente ligada ao cientificismo da época, que guiado pela filosofia newtoniana, levava em consideração apenas o que pode ser empiricamente explicado (OLIVEIRA, 2012).

Sendo uma máquina, o homem poderia ser totalmente explicado pelos pressupostos materialistas. De acordo com Capra (1982), David Hartley, filósofo britânico do século XVIII e estudioso da medicina, inicia a crença de que as funções mentais podem ser estudadas apenas por meio da neurofisiologia, já que os estudos de fisiologia e da anatomia do corpo humano estavam em grande desenvolvimento na

época. Sendo assim, Hartley estabeleceu um modelo mecanicista que visava compreender a mente humana.

Foi partindo desses critérios que, através das ideias mecanicista e materialista, Pavlov (1849-1936), fisiologista russo, pode descobrir o princípio dos reflexos condicionados. Fundamentados nesses modelos, outros estudiosos também fizeram grandes descobertas, entre eles, Wundt (1832-1920), criador do primeiro laboratório de psicologia. Do mesmo modo, John Watson (1878-1958), que formulou o behaviorismo, onde os fenômenos mentais são compreendidos apenas como comportamentos passando a serem melhor compreendidos pelas ciências exatas (CAPRA, 1982).

### **3 A VISÃO JUNGUIANA SOBRE A UNILATERALIDADE DA RAZÃO**

Frente ao relatado anteriormente, é possível entender que sempre foram buscadas fundamentações para se compreender como os seres humanos pensam, se comportam, são motivados e outros fenômenos. Consequentemente, pode-se afirmar que o pensamento racional, paradigmaticamente, foi uma base para as mais diversas teorias. Por outro lado, acredita-se que a razão não é a única forma de se entender o homem e começaram a questionar essas teorias. Entre as opositoras estão as correntes psicológicas da Gestalt, do humanismo e da Psicologia Analítica, que recebe foco nesse artigo. Nesse sentido, Whitmont (1998, p. 16) declara que

[...] em resposta à tendência introvertida, mística e ao posterior obscurantismo eclesiástico da Idade Média, o desenvolvimento ocidental recente enfatizou em excesso o pensamento abstrato e racional. Esse desenvolvimento preocupou-se predominantemente com a utilização prática de objetos externos e necessidades externas e, em nossos dias, culminou no positivismo orientado para o fato e a lógica. Ele negligenciou em grande parte – ou pelo menos relegou a uma posição de menor importância – os aspectos emocionais e intuitivos do homem. [...] os sentimentos são considerados algo dispensável, as intuições não são consideradas “reais”.

É partindo dessa oposição que Jung enxerga como desvantajoso uma radicalização do materialismo e todo pensamento unilateral que surge com o Iluminismo. Ele entende que uma visão baseada somente na razão e na perspectiva materialista pode não estar levando em consideração as necessidades da psique.

Nesse sentido, Jung (2013a, p. 54) afirma:

Enquanto a tipologia fisiológica é obrigada a empregar, essencialmente, métodos científicos para obter seus resultados, a natureza invisível e mensurável dos processos psíquicos nos constrange a empregar métodos derivados das ciências humanas, ou, mais precisamente, à crítica analítica.

Para a Psicologia Analítica, o pensamento racional não é o único influenciador do ser humano. Mesmo que a razão seja o ponto que se pode ter consciência, ela não é a única a influenciar o ser. Nessa perspectiva, Jung entende que o ego<sup>4</sup>, visto como o centro da consciência, é aquilo que nos possibilita ter conhecimento, viver em sociedade e adquirir uma cultura. Da mesma forma, é aquele que administra os conteúdos que ficam na consciência ou que vão para o inconsciente e, além disso, é o responsável pela tomada de decisões, dando direção ao indivíduo (STEIN, 2006). No entanto, Jung (2013a), mostra que apesar de tamanha importância do ego e da consciência, conteúdos inconscientes, que também são relevantes, acabam sendo julgados e considerados inapropriados, sendo descartados da consciência. Esse inconsciente, segundo Jung (2014a, p.77) conteria

[...] lembranças perdidas, reprimidas (propositalmente esquecidas), evocações dolorosas, percepções que, por assim dizer, não ultrapassaram o limiar da consciência (subliminais), isto é, percepções dos sentidos que por falta de intensidade não atingiram a consciência e conteúdos que ainda não amadureceram para a consciência.

Assim, “embora não estejam em conexão com o ego, nem por isso deixam de ter atuação e de influenciar os processos conscientes, podendo provocar distúrbios tanto de natureza psíquica quanto de natureza somática” (SILVEIRA, 1981). Além disso, caso a consciência esteja ligada a uma moral considerada negativa, a parte considerada positiva estará no inconsciente. Nesse caso, a integração desses conteúdos poderia ser algo favorável ao indivíduo (ABRAMS; ZWEIG, 1994).

Isso mostra que, caso o inconsciente não seja integrado na consciência, o indivíduo toma uma postura unilateral, ou seja, assume somente um lado do todo, ignorando a importância da totalidade. Segundo Pieri (2022, p. 500) o termo totalidade

---

<sup>4</sup> Segundo Jung “Entendemos por ego aquele fator complexo com o qual todos os conteúdos conscientes se relacionam. É este fator que constitui, por assim dizer, o centro do campo da consciência, e dado que este campo inclui também a personalidade empírica, o ego é o sujeito de todos os atos conscientes da pessoa”.(JUNG, 2012, p.8)

“[...] indica uma união e, portanto, uma unidade cujas partes constituintes não estão confusas, ou seja, um conjunto que constitui um significado organicamente unitário que ordena, embora mantendo-as distintas, as múltiplas partes de que é composto”, ou seja, une possibilidades e as organiza, sem unilateralizar.

Porém, a mudança de pensamento ocorrida no século XIX assume tal postura unilateralizada, tendo de um lado a perspectiva materialista e do outro o conhecimento metafísico, sem que haja um equilíbrio entre eles. Esse espírito da época tenta ditar a forma de conhecimento considerada mais adequada, porém não leva em consideração a desvantagem de uma concepção unilateral. Sendo assim, Jung se mostra contrário à exacerbação da corrente filosófica do materialismo, pois, além de também dar importância ao inconsciente, considera a harmonia provedora de maiores possibilidades ao indivíduo e também entende a psique humana como mais que um processo bioquímico. Nessa perspectiva de uma unilateralidade na história, Jung (2013a, p.295) afirma que:

Enquanto a Idade Média, a Antiguidade Clássica e mesmo a humanidade inteira desde seus primórdios acreditavam na existência de uma alma substancial, a segunda metade do século XIX viu surgir uma psicologia “sem alma”. Sob a influência do materialismo científico, tudo o que não podia ser visto com os olhos nem apalpado com as mãos foi posto em dúvida, ou pior, ridicularizado, porque era suspeito de metafísica. Só era “científico” e, por conseguinte, aceito como verdadeiro, o que era reconhecidamente material [...].

E foi nesse meio que o ser humano deixou suas tradições, tanto morais quanto espirituais, a partir do momento que o conhecimento científico se instaurou como detentor da verdade. Mesmo a razão sendo uma grande conquista, a partir de uma unilateralidade, a humanidade deixa, criticamente, suas crenças, superstições, ritos e a conexão simbólica com os fenômenos naturais (JUNG, 2016). Nesse ponto os povos ditos primitivos podem ser considerados mais próximos do inconsciente, pois vislumbram os seus conteúdos com mais relevância para a vida consciente do que o homem considerado civilizado. Para esse último, razão consciente passou a ser enxergada como a única capaz de trazer benefícios ao indivíduo (JUNG, 2012).

No entanto, isso não quer dizer que Jung descartava as ideias racionais e conscientes. Para ele, a consciência, detentora da razão, da lógica, do julgamento, é extremamente importante para o sujeito. Em uma de suas cartas, Jung (1962, p. 373,



apud JAFFÉ, 2021. p.221) escreve que “Sem a consciência reflexiva do homem, o mundo carece de uma gigantesca falta de sentido[...]”. Mas de nada adianta ser racional e estar preso em uma unilateralidade, pois a consciência é também a possibilitadora de se reconhecer o mundo interno e o externo, ampliando seus horizontes e navegando por novos mares (JAFFÉ, 2021).

Porém, Jung (2014a. p. 84) afirma que “Não podemos nos identificar com a própria razão, pois o homem não é apenas racional, não pode e nunca vai sê-lo.”. Mesmo que a razão esteja ligada ao consciente, existe, em seu entorno, uma irracionalidade que se apresenta essencialmente ligada ao inconsciente (JUNG, 2014a). Não se pode deixar de observar a existência de um inconsciente que poderia complementar (JUNG, 2015).

Esse inconsciente, definido por Jung (2013a), é dividido em inconsciente pessoal, demarcado como a parte da psique não assimilada pelo consciente, mas que pode ou não ser integrada, pois depende da história e experiência de vida do indivíduo; e inconsciente coletivo, caracterizado pela junção dos instintos com os arquétipos, se apresentando como fatores psiquicamente herdados. Para caracterizar essa parte coletiva da psique, Jung afirma que

Do mesmo modo que o corpo humano apresenta uma anatomia comum, sempre a mesma, apesar de todas as diferenças raciais, assim também a psique possui um substrato comum. Chamei a este substrato inconsciente coletivo. Na qualidade de herança comum transcende todas as diferenças de cultura e de atitudes conscientes, e não consiste meramente de conteúdos capazes de tornarem-se conscientes, mas de disposições latentes para reações idênticas. Assim o inconsciente coletivo é simplesmente a expressão psíquica da identidade da estrutura cerebral independente de todas as diferenças raciais. Deste modo pode ser explicada a analogia, que vai mesmo até a identidade, entre vários temas míticos e símbolos, e a possibilidade de compreensão entre os homens em geral. As múltiplas linhas de desenvolvimento psíquico partem de um tronco comum cujas raízes se perdem muito longe num passado remoto. (SILVEIRA, 1981. p.72)

Essa diferença entre consciente, inconsciente pessoal e inconsciente coletivo ocorre a todo indivíduo. Mas, como mencionado anteriormente, deve existir um certo equilíbrio entre eles, bem como deve-se harmonizar a visão da metafísica e da matéria, ou da razão e do irracional. Isso merece ser ressaltado, pois o sujeito não deixa de ser o todo só porque está conscientemente unilateralizado. A ideia oposta estará no seu inconsciente, onde ainda tentará emergir a consciência, seja através de

sonhos, atos falhos, fantasias, lembranças, desenhos ou outros (JUNG, 2013a).

Essa unilateralidade ocorre, porque o consciente abarca poucos conteúdos, sendo a maior parte da psique do indivíduo inconsciente para si próprio. Isso ocorre pelo fato de a consciência necessitar ter uma atitude dirigida. Porém, inevitavelmente o consciente acaba se organizando de tal forma que leva suas intenções somente para um caminho, unilateralizando suas decisões e pensamentos (JUNG, 2013b). Esse fato é importante para não deixar as manifestações inconscientes surgirem desimpedidamente. No entanto, se essa tendência unilateral for aumentada significativamente, o inconsciente pode surgir na consciência e liberar alguns de seus conteúdos de forma invasiva, podendo ser até destrutivos e patológicos (JUNG, 2013a; JUNG, 2016).

Dessa unilateralidade pode surgir o que Heráclito de Éfeso (540 a.C. a 470 a.C.), filósofo pré-socrático e criador do pensamento dialético, chamou de enantiodromia. Foi desse termo que Jung se valeu para designar a passagem de um oposto unilateral para seu contrário, em busca de equilíbrio. Quando a psique se apresenta fortemente unilateralizada, pode haver uma conversão ao seu oposto, que o levaria a mudar antagonicamente sua conduta consciente (JUNG, 2014a; JUNG, 2013a).

Assim, o homem, numa perspectiva baseada exclusivamente em conhecimentos científicos pós iluministas e tratando a razão como único caminho para a verdade, se afasta do irracional, esquece seus valores espirituais, suas “superstições” e sua relação íntima com a natureza, levando, de acordo com Jung (2016. p. 119) a uma sociedade que “[...] perde o sentido da vida, sua organização social se desintegra e os próprios indivíduos entram em decadência moral”. Sua “alma”, nesse movimento enantiodrômico, passou a ser ignorada (JUNG, 2016).

Essa mesma questão de opostos e movimento enantiodrômico pode ser observada no trecho que Ramos e Tommasi (2020, p. 56, apud JUNG, 2003, 2013) desenvolvem em seu trabalho:

No âmbito do contexto de uma cultura patriarcal, há uma valorização excessiva de todas as características associadas ao masculino – o Logos, a clareza, a razão, a consciência, a ordem, a objetividade, a lógica, a competitividade, a atividade, a força, a realidade física e material – em detrimento de tudo aquilo que esteja relacionado ao feminino – o Eros, o obscuro, a intuição, o caos, a flexibilidade, a cooperação, a passividade, a fraqueza, o instintivo e o criativo, e o mundo das emoções, dos mistérios, dos

sonhos e do inconsciente. A hipertrofia e o desgaste da ordem patriarcal vigente surgem por enantiodromia.

Com a cultura contemporânea valorizando excessivamente o patriarcado, cabe ao lado matriarcal permanecer no inconsciente. E mesmo que um movimento enantiodrômico tenha ocorrido na passagem da Idade Média (extremamente matriarcal) para o Iluminismo (extremamente patriarcal), a tensão entre esses dois opostos não foi resolvida, apenas mudou-se a atitude.

Com essa perspectiva unilateralizada, o inconsciente passa a buscar sua autorregulação com a consciência. Jung (2013c p. 96) diz que a psique funciona “[...]em analogia à lei fundamental da conservação da energia, pois também os nossos fenômenos psíquicos são processos energéticos”. Por conseguinte, é iniciando a assim chamada função compensatória, que pode ser compreendida pela ideia de que com quanto mais força o consciente verte para um lado, com mais força o inconsciente verte para o outro, justamente na tentativa de conseguir um equilíbrio. Mas isso só acontece em casos em que os opostos são extremos e há essa necessidade de compensação (JUNG, 2013b). Nessa tensão entre opostos, a compensação pode vir por sonhos em busca de acrescentar à consciência os conteúdos essenciais para tentar equilibrar ou até mesmo complementar e chegar numa totalidade psíquica. No entanto, se essa função compensatória for muito forte, pode chegar a ser destrutiva para o sujeito, como, a título de exemplo, os casos de psicossomatizações, sintomas ou até psicopatologias. E é justamente esta a importância de buscar um equilíbrio, não deixando metaforicamente que um “cabo de guerra” seja puxado com tanta força a ponto de afetar negativamente o indivíduo. Nesse sentido, Jung aponta que uma unilateralização é prejudicial aos processos psíquicos de transformação e crescimento (JUNG, 2013a).

Cumprir dizer que é importante haver na consciência uma necessidade de ser monodirecional. Para se tomar decisões, por exemplo, é preciso selecionar e excluir o que não se encaixa. O que não se apresenta de forma adequada para o indivíduo é estar em um extremo, ignorando as outras possibilidades, impossibilitando integrar outros pontos de vista. Mesmo que haja um movimento enantiodrômico, uma passagem da consciência para o seu contrário, ainda se mostrará tendenciosa num sentido, pois não houve integração. Essa parcialidade ainda vem sendo problemática

para a sociedade, pois dentro de uma ótica científicista, o indivíduo é influenciado a enxergar apenas pelas lentes do conhecimento científico racional. E mesmo que seja notável toda evolução do homem contemporâneo, ainda existe uma falta de complementação, ou seja, integração da totalidade.

#### **4 O DESENVOLVIMENTO DE UMA NOVA POSSIBILIDADE**

Numa perspectiva Junguiana, o símbolo seria uma possibilidade de integração de opostos. Segundo Pieri (2022, p. 458), a expressão símbolo vem da palavra grega *syμβάλλο*, que remete ao costume de “[...] cortar em duas partes uma moeda, um anel ou um objeto qualquer, e dar a metade a um amigo ou a um hóspede. Conservadas por uma e por outra parte por gerações, tais metades permitiam aos descendentes das duas reconhecer-se”. Dessa forma, quando juntas, formavam uma identificação. Assim, torna-se possível entender metaforicamente a ideia de união entre os opostos, formando um todo íntegro, algo que se complementa e traz um significado.

De acordo com Pieri (2022), o símbolo é comumente confundido com o sinal. Esse fato pode ser fruto da discordância de denominações entre Sigmund Freud e Jung. De acordo com Jung, Freud acreditava que o símbolo seria tanto o sonho quanto o sintoma psicopatológico, que viriam substituir elementos psíquicos do inconsciente. Já para Jung (2013b, p. 487), essas substituições seriam apenas sinais.

Toda concepção que explica a expressão simbólica como analogia ou designação abreviada de algo conhecido é semiótica. Uma concepção que explica a expressão simbólica como a melhor formulação possível, de algo relativamente desconhecido, não podendo, por isso mesmo, ser mais clara ou característica, é simbólica. Uma concepção que explica a expressão simbólica como paráfrase ou transformação proposital de algo conhecido é alegórica. Explicar a cruz como símbolo do amor divino é semiótico, pois “amor divino” designa o fato que se quer exprimir, bem melhor do que uma cruz que pode ter ainda muitos outros sentidos. Simbólica seria a explicação que considerasse a cruz além de qualquer explicação imaginável, como expressão de um fato místico ou transcendente, portanto psicológico, até então desconhecido e incompreensível, que pudesse ser representado do modo mais condizente possível só pela cruz.

Pode-se entender que Jung identifica processos que não são simbólicos, sendo compreendidos como consequências ou até mesmo sintomas, “Por exemplo, o costume antigo de entregar, na venda de terras, algumas relvas é designado

vulgarmente como 'símbolo', mas, por sua natureza, é totalmente semiótico. A relva é um sinal que representa a terra adquirida." (JUNG, 2013b, p. 486). Assim, eles devem ser tratados como sinais ou signos. Para ser simbólico, eles devem ter um significado oculto, um lado consciente e outro inconsciente, manifestando alguma parte da totalidade psíquica (BARRETO, 2006).

Dessa forma, Jung (2013b, p.488) entende que, "É bem possível, pois, que alguém estabeleça um fato que não pareça simbólico à sua consideração, mas o é para outra consciência". Essa passagem mostra que nem sempre algo é simbólico para duas pessoas, sendo simbólico somente quando for a melhor compreensão possível para aquilo. Ou então, que se apresente de forma simbólica em um contexto inconsciente, constituindo o chamado símbolo vivo, que "Tem efeito gerador e promotor de vida" (JUNG, 2013b, p.489).

À vista disso, a unilateralização que ocorre na contemporaneidade afeta diretamente as questões simbólicas. O símbolo não é visto como a melhor compreensão para algo e uma possibilidade de integração psíquica, pois somente aquilo que pode ser explicado racionalmente é considerado seguro e verdadeiro. O símbolo passa a ser signo. Segundo Barreto (2006, p.85)

O cartesianismo, que pretende fundamentar a Nova Ciência, instaura o reino do algoritmo matemático, no qual o signo triunfa sobre o símbolo [...] sob o império do método o símbolo evapora-se em signo, consolidando a primazia da explicação cientificista, que culmina com a redução «semiológica» do ser ao tecido de relações objetivas, liquidando no significante.

Outro fator de grande relevância é que o símbolo possui uma parte racional, mas também uma irracional, que estará ligada ao inconsciente. Ele não pode se originar de uma unilateralidade, tendo que ser levada em igual consideração os opostos. Será desse conflito entre uma tese e uma antítese que originará um novo elemento, acabando com a unilateralização e possibilitando um canal harmonioso entre consciente e inconsciente (JUNG, 2013b).

De acordo com Byington, os símbolos são formados por polaridades e

A elaboração simbólica é um sistema de relacionamentos. Reduzi-la a um polo de qualquer polaridade quebra esse sistema, transformando o processo num conjunto de entidades desarticuladas. Nesse caso, pode-se construir um

conjunto racional, mas destituído de sentido existencial (2015, p.77).

O encontro de opostos, ou seja, a integração de consciente com inconsciente, encerra a polarização. O símbolo seria a matéria prima para superar a paralisia entre opostos na dinâmica psíquica, e essa superação Jung chamou de função transcendente (Jung, 2013a)

Por “função transcendente” não se deve entender algo de misterioso e por assim dizer suprassensível ou metafísico, mas uma função que, por sua natureza, pode-se comparar com uma função matemática de igual denominação, e é uma função de números reais e imaginários. A função psicológica e "transcendente" resulta da união dos conteúdos conscientes e inconscientes (JUNG, 2013a, p. 13).

Numa busca dialética de união e confronto de opostos, a partir desse embate há o surgimento de uma nova instância psíquica, uma terceira perspectiva até então não presente, chamada *tertium non datur*. A ideia é que a psique transcenda a unilateralidade, de forma que, mesmo em uma necessidade de tomada de decisões, ainda se enxergue a importância dos conteúdos inconscientes. Dessa forma, torna-se o inconsciente em consciente evitando a intromissão indesejada dos conteúdos que o ego não tem acesso. Porém, não se deve confundir a transcendência com a invasão inconsciente. No primeiro caso, ocorre uma força mútua entre os opostos, conscientes e inconscientes, gerador de um novo elemento. No segundo, ocorre uma força monodirecional invasiva (JUNG, 2013a).

Entende-se, num sentido amplo, que a unilateralidade exacerbada iniciada no Iluminismo e no materialismo, pode surgir uma antítese que leve em consideração as ideias contrárias a essas perspectivas. Desse embate, e dando igual prestígio aos dois polos, pode surgir um terceiro elemento unificador que transcenda a separação consciente/inconsciente; racional/irracional; material/imaterial. Isso é viável graças ao fato de que essa função “É chamada transcendente, porque torna possível organicamente a passagem de uma atitude para a outra, sem perda do inconsciente” e isso ocorre por se enxergar a importância dos opostos, ou seja, a totalidade (JUNG, 2013a, p. 18).

Essa capacidade de mediação de opostos presente na função transcendente e, conseqüentemente no símbolo, nasce da necessidade de autorregulação da psique. Não é algo que se possa realizar conscientemente, sendo formado

espontaneamente de forma a compensar a unilateralidade presente na consciência (Jung, 2013a).

É possível inferir, partindo do exposto, que toda a trajetória da unilateralização da razão apresentada, convida o sujeito a se questionar sobre as questões da psique. A consciência deve ter uma direção, mas ser sempre unilateral pode trazer uma desregulação. Quando o homem deixa suas crenças, superstições, ritos e a conexão simbólica com os fenômenos naturais, ele desencadeia uma função compensatória inconsciente. Porém, uma compensação que somente traz um movimento enantiodrômico não é o caminho mais viável. Nesse contexto, Bitter (1958, p. 13, apud WHITMONT, 1998, p. 17) acredita que

[...] não apenas o mundo ocidental mas a humanidade como um todo corre o risco de perder sua alma para as coisas externas da vida. Nossas forças extrovertidas do intelecto estão tão preocupadas com a alimentação adequada, com os cuidados higiênicos das regiões subdesenvolvidas do mundo, assim como a elevação do nosso padrão de vida, que as funções irracionais, o coração e a alma, estão cada vez mais ameaçadas de atrofia

Dessa forma, depreende-se que o meio vantajoso de regulação seria por intermédio da capacidade de simbolização. Parece impossível integrar o que Bitter (1958, p. 13, apud WHITMONT, 1998, p. 17) chama de funções irracionais, como o coração e a alma, com o pensamento racional. Mas através da função transcendente pode-se originar um *tertium datur*, ou seja, uma terceira perspectiva integradora, capaz de incorporar questões conscientes com as inconscientes. E assim a psique poderia encontrar uma integração de opostos.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao aprofundar o conhecimento do desenvolvimento da razão na história, nota-se a evolução da unilateralização na contemporaneidade. Dando destaque ao Iluminismo, como o auge do processo do pensamento racional, vislumbra-se uma sociedade embasada numa monodirecionalidade. Tudo aquilo que não pode ser explicado pela lógica é considerado não significativo, pois, nessa concepção, a racionalidade é a única detentora da verdade. Dessa forma, pode surgir um movimento enantiodrômico, ou seja, uma mudança ao seu contrário, já que uma força

compensatória começa a fazer efeito, levando o sujeito à uma atitude oposta, na busca de equilíbrio. Porém o indivíduo ainda se encontraria unilateralizado e a tentativa de harmonia continuaria.

Entretanto, Jung destaca suas considerações a respeito dessa necessidade da psique se autorregular. Nesse contexto, a compensação entra em destaque e revela ao indivíduo aquilo que está sendo negado do lado oposto. Porém, para que essa tentativa de equilibração não ocorra de forma invasiva, pode-se simbolizar o conflito entre opostos. Isso permite ao indivíduo integrar consciente e inconsciente, e assim, dando origem a um novo elemento mutuamente harmonioso gerado na função transcendente.

Integrar questões racionais com questões irracionais pode parecer impossível. Todavia, o processo de simbolização ocorrido na função transcendente pode proporcionar um equilíbrio entre esses opostos e harmonizar os processos psíquicos.

Entretanto, ressalta-se que as ideias para a solução de uma unilateralidade, aqui propostas, pode sinalizar uma perspectiva individual. Por outro lado, o problema da unilateralidade **da** razão é coletivo. Esse mesmo coletivo vai se impor ao indivíduo com muita força, prejudicando seu processo de simbolização e integração. Essa imposição pode vir do já mencionado espírito da época (*Zeitgeist*).

Não se deve brincar com o espírito da época, porque ele é uma religião, ou, melhor ainda, é uma crença ou um credo cuja irracionalidade nada deixa a desejar, e que, ainda por cima, possui a desagradável qualidade de querer que o considerem o critério supremo de toda a verdade e tem a pretensão de ser o detentor único da racionalidade (JUNG, 2013a, p. 297).

Assim, considera-se que essa unilateralidade coletiva, proveniente do espírito da época, também possa ter uma alternativa coletiva. Consequentemente, espera-se que surja uma atitude compensatória que tente equilibrar essa monodirecionalidade coletiva. Do mesmo modo, a expectativa é de que ocorra uma confrontação entre as ideias coletivas opostas e que elas se integrem, produzindo um símbolo, formador da função transcendente.

Isso pode ser proposto graças, segundo Byington (2015), a ideia de que “[...] os símbolos podem ter componentes mais concretos ou mais abstratos, mais objetivos ou mais subjetivos, mais coletivos ou mais pessoais[...]” (p. 56). Tendo o potencial de



ser coletivo, o símbolo poderia ser uma alternativa à unilateralidade da razão. Sendo resultado de uma elaboração cultural “eles integram o desenvolvimento da consciência coletiva” (p.61). Logo, poderia surgir uma sociedade mais integrada, que levaria em consideração a totalidade, viabilizando possibilidades de mudança no processo de unilateralidade. Além disso, o homem poderia ser visto como uma totalidade, não mais fragmentado em mente e corpo. Nesse processo de simbolização, seria possível retirar o indivíduo da massa coletiva unilateral e mostrar novos cenários.

É importante ressaltar que o presente artigo não teve como fundamento levar o leitor a entender o processo racional como algo indesejado. Como exposto, a razão é uma função psíquica de extrema importância na evolução humana. Desvalorizar sua existência, também seria entrar em um processo unilateral. Porém, partindo de uma perspectiva junguiana, entende-se haver uma necessidade de equilíbrio entre opostos. Da mesma forma, o processo de função compensatória não tem como finalidade uma opção salvífica, mas uma alternativa ao processo unilateral.

Além do exposto, entende-se que o conteúdo também possa ser de interesse para a psicologia clínica, tendo como foco o indivíduo e não a coletividade. Dentro do olhar junguiano, temos duas funções de julgamento ou também chamadas racionais. Essas funções seriam responsáveis pelas tomadas de decisões e são divididas entre pensamento e sentimento. O pensamento estaria ligado a organização e a lógica. Já o sentimento toma suas decisões com base nos seus valores pessoais (ZACHARIAS, 2006). Quando um paciente chega na terapia, pode-se notar qual a maneira mais comum na tomada de decisão. Porém, quando se encontra unilateralizado, há uma negação da outra função. O indivíduo unilateralizado na razão, proposto nesse artigo, desmereceria a função sentimento, tomando como base somente a lógica. Mas, como já exposto anteriormente, aquilo que estaria negado no inconsciente continua tendo força sobre o indivíduo. O ideal, de acordo com a proposta de equilíbrio, seria que a pessoa pudesse passar de uma atitude para a outra quando fosse necessário.

Frente ao exposto, não houve aqui uma tentativa de esgotar a teoria junguiana acerca da unilateralidade da razão na contemporaneidade. A ideia seria analisar parte das contribuições de Jung, no que diz respeito ao tema proposto.

Assim sendo, a intenção é motivar o leitor a buscar mais compreensão sobre as questões psíquicas da sociedade, na perspectiva junguiana. De mesmo modo, despertá-lo para conceitos tão importantes e que também dizem respeito a si próprio.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMS, Jeremiah; ZWEIG, Connie. **Ao encontro da sombra**. São Paulo: Cultrix, 1991.
- ARAUJO, Saulo de Freitas. O eterno retorno do materialismo: padrões recorrentes de explicações materialistas dos fenômenos mentais. **Archives of Clinical Psychiatry**. São Paulo. v. 40, p. 114-119, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rpc/a/CncHvFbfHXkVHQ89rwZ5fcj/?lang=pt>>. Acesso em: 09 nov. 2022.
- BARRETO, Marco Heleno. **Símbolo e sabedoria prática Carl Gustav Jung e o mal-estar da modernidade**. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, p. 252. 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ARBZ-7JKLUK>>. Acesso em: 03 abr. 2023.
- BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. **Psicologia Simbólica Junguiana: a viagem de humanização do cosmos em busca da iluminação**. 2 ed. São Paulo: Carlos Amadeu Botelho Byington, 2015.
- CAPRA, Fritjof. **Ponto de Mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982.
- CHÂTELET, François. **Uma história da razão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FERNANDES, Leandro Mateus. O homem-máquina de La Mettrie. **Revista Alamedas**, v. 2, n. 1, 2014. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/alamedas/issue/view/698>>. Acesso em: 10 abr. 2023.
- GAMBLE, Christopher N. et al. O que é o novo materialismo?. **(Des) troços: revista de pensamento radical**, v. 2, n. 2, p. 188-219, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadestrococos/article/view/36348/30300>>. Acesso em: 03 nov. 2022.
- GOMES, Marco Antônio de Oliveira. A Evolução da historiografia ocidental: da história da Idade Média ao Materialismo Histórico. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.17, p. 118 - 137, mar. 2005. Disponível em: <[https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/5248/art11\\_17.pdf](https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/5248/art11_17.pdf)>. Acesso em: 22 set. 2022.
- JAFFÉ, Aniela. **O mito do significado na obra de Carl G. Jung: uma introdução**

concisa ao estudo da psicologia analítica. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 2021.

JUNG, Carl Gustav. **Aion**: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo. Editora Vozes, 2012.

JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique**. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2013a.

JUNG, Carl Gustav. **A vida simbólica**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

JUNG, Carl Gustav. **Tipos psicológicos**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2013b.

JUNG, Carl Gustav. **Civilização em transição**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2013c.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia do inconsciente**. 24 ed. Petrópolis: Vozes, 2014a.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2014b.

JUNG, Carl Gustav. **O eu e o inconsciente**. 27 ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. 3 ed. especial. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016.

LARA, Tiago Adão. A filosofia ocidental: do Renascimento aos nossos dias. **Curso de história da filosofia**, 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MATTOS, José Roberto Abreu de. Fé, razão e conhecimento em santo agostinho. **REVELETEO-Revista Eletrônica Espaço Teológico**, v. 12, n. 21, p. 15-21, 2018. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/reveleteo/article/view/31454>>. Acesso em: 13 de jun 2023.

NASCIMENTO, Milton Meira do; NASCIMENTO, Maria das Graças de Souza; TEIXEIRA, Francisco MP. **Iluminismo**: A revolução das Luzes. São Paulo: Ática, 2008.

NASSER, Eduardo. O materialismo e o destino da filosofia no século XIX. **Revista Dissertatio de Filosofia**, v. 41, p. 31-46, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/dissertatio/article/view/8498/5536>>. Acesso em: 10 out. 2022.

OLIVEIRA, Bruno Camilo de. **A metafísica de Isaac Newton**. 2012. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em: < <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/16502>>. Acesso em: 11 mar. 2023.

PIERI, Paolo Francesco. **Dicionário junguiano**. 2 ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulus, 2022.

RAMOS, Lila de Fátima de Carvalho; TOMMASI, Sônia Maria Bufarah. A volta do filho pródigo: um entendimento sobre a teoria da Psicologia Analítica. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, v. 41, n. 1, p. 45-62, 2020. Disponível em: <<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/37365>>. Acesso em: 15 de jun 2023.

RAMOS, Luís Marcelo Alves. Apontamentos sobre a psicologia analítica de Carl Gustav Jung. **ETD-Educação Temática Digital**, v. 4, n. 1, p. 110-144, 2002. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/616>>. Acesso em: 15 de jun 2023.

SANTOS, Luciano Costa. O pensamento fecundo: elementos para uma racionalidade transmoderna. **Revista da FAEBA: Educação e Contemporaneidade**, v. 22, n. 39, p. 205-213, 2013. Disponível em: <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0104-70432013000100020&script=sci\\_abstract](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0104-70432013000100020&script=sci_abstract)>. Acesso em: 15 de jun 2023.

SILVEIRA, Nise da. **Jung: vida e obra**. 7 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. (Coleção Vida e Obra).

STEIN, Murray. **Jung: o mapa da alma: uma introdução**. 5 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

WHITMONT, Edward C. **A busca Do Símbolo**. São Paulo: Cultrix, 1998.

ZACHARIAS, José Jorge de Morais. **Tipos: a diversidade humana**. São Paulo: Vetor, 2006.